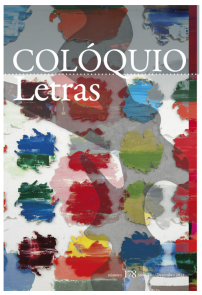

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'Doutor Avalanche', de Rui Manuel Amaral]

Miguel Martins

Para citar este documento / To cite this document:

Miguel Martins, "[Recensão crítica a 'Doutor Avalanche', de Rui Manuel Amaral]", *Colóquio/Letras*, n.º 178, Set. 2011, p. 237-240.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

erudição em excesso corria o risco de reduzir o seu valor literário.

Finalmente, este romance não seria possível sem uma escrita arrojada, que usa a imensa abundância da língua portuguesa. Na primeira parte, o estilo é em paródia e mais moderno; na segunda parte, existe certa elegância aristocrática. O livro é riquíssimo em vocabulário e o autor escreve frases torrenciais. A prosa de Miguel Real é, sem dúvida, uma das mais ricas da literatura portuguesa contemporânea.

Sendo um dos pontos fortes do romance, a linguagem é também o seu principal defeito. Houve um esforço do autor em escrever de forma diferente na primeira parte, sobre o Verão Quente, e, na segunda, a autobiografia da rainha D. Amélia, mas esse esforço não foi suficiente. Por vezes, reconhecemos na suposta escrita de D. Amélia a mão de Miguel Real. Por exemplo, a rainha jamais escreveria uma frase como a que consta na página 106: «meninas virgens sorteadas à noite no Rossio pelo pai e pela mãe para os turistas franceses e os cabrones espanhóis, quem dá mais, quem dá mais, ainda tem o grelo fechado, rapazinhos de cu lavado requisitados pelos funcionários pais de família».

Embora a personagem central seja uma aristocrata de origem francesa, *Memórias Secretas da Rainha D. Amélia* é um romance muito português, difícil de transpor para outras culturas. A história de Portugal é fonte inesgotável de episódios com interesse para a literatura e a nação um tema fascinante, mas existe neste texto uma inquietação subliminar, já que o autor nos confronta com as grandezas e misérias da pátria. Os portugueses, que costumam ser mordazes e auto-irónicos, não apreciam críticas vindas do exterior, sobretudo quando estas são brutais, como na curta definição de Portugal feita pela BBC em 1975 e citada no início, segundo a qual este país era «o manicómio europeu» (p. 30).

A literatura é um meio eficaz de explicar a História e este romance provoca os leitores, ao introduzir a ideia de ligação entre fragmentos. No actual contexto de crise, é interessante ver, em paralelo, o autismo dos últimos anos do regime monárquico, a sua fragilidade e a maneira como não conseguiu reagir à aproximação do abismo. Igualmente a radicalização como resposta à impossibilidade de mudança.

Por outro lado, os seres humanos são a matéria-prima da literatura e Miguel Real recria uma personagem inesquecível. Esta D. Amélia que sai da noite do passado é uma figura de ficção com a fraqueza de se sentir mal dentro do seu corpo e com a força de carácter suavizada pelas fatalidades da vida. Ela é uma mulher real que olha para trás com sentimento de culpa, mas falando com tranquilidade sobre as terríveis injustiças que lhe fez o tempo; olhando com amor para esse país que a odiou sem que ela soubesse a razão. A Amélia ficcional questiona-se como a própria rainha talvez se tivesse questionado, desejando ter sido outra, mais modesta, apenas Maria. É o momento em que a personagem e este belo romance atingem a verdadeira grandeza.

Luís Naves

Rui Manuel Amaral
DOUTOR AVALANCHE
Coimbra, Angelus Novus / 2010

Doutor Avalanche é o segundo livro de Rui Manuel Amaral (autor nascido no Porto, em 1973), dando seguimento a *Caravana*, publicado em 2008 pela mesma editora.

Constituído por 44 «microcontos» e quatro poemas à maneira de *intermezzi*, a autoria estende-se, neste caso, à própria ficha técnica apresentada em colofão do

livro (impresso «12 anos, 7 meses, 10 horas e 23 minutos após o autor ter fumado o seu primeiro cigarro Balkanskaya Zvezda (Klassika)»), revelando o todo, uma vez mais, o despretensiosismo lúdico, a prodigiosa imaginação, os admiráveis recursos de construção frásica, a elegância na adjectivação, a economia de meios (indispensável a esta aposta) e a invulgar destreza narrativa, que são, pode afirmar-se desde já, marcas da escrita de Rui Manuel Amaral, e que se encontram firmemente ancorados nas melhores tradições fundadoras deste tipo de (divertidíssimas) estórias.

A inconclusividade, a ausência daquilo a que é costume chamar «moral da história», o puro prazer de produzir surpresa, quando não verdadeiro espanto, e, sobretudo, o fino humor são constantes nestes textos, o que os filia, desde logo, numa série de tradições orais que, à escala planetária, são repositório de narrativas análogas.

A este propósito, leiam-se, a título de exemplos, *Contos Populares Moçambicanos*, organizado por Eduardo Medeiros (Maputo, Ndjira, 1997) ou, no que a Portugal diz respeito, *Os Contos de Fajão* (Fajão, Junta de Freguesia de Fajão, 2008), compilado pelo P.e A. Nunes Pereira, em cujo prefácio este estudioso aponta as semelhanças entre os contos por si recolhidos naquela frequesia beirã e os famosos *Contos de Beckum* (Vestefália, Alemanha), reproduzidos em variadas edições de Unsere Beckumer Anschlage.

Ora, estas tradições vieram a ter amplas e diversas repercussões na literatura mais canónica, sendo que, no que ao caso vertente diz respeito, nos pareceria imperdoável não citar *As Aventuras do Barão de Münchhausen*, obra setecentista inspirada na tipologia atrás mencionada mas cujas versões mais difundidas são as dos alemães Rudolph Erich Raspe (1736-1794) e Gottfried August Buerger (1747-1794), como muito bem assinalou Paulo Pereira (*Expresso*, 8 Nov. 1986), bem como a do francês Théophile Gautier (1811-1872), esta ilustrada por Gustave Doré e vertida para Português por Henrique Forjaz Trigueiros (s.l., Editorial do Povo, 1945).

Dando um salto no tempo, quanto ao século XX parece óbvio aludir a Franz Kafka e aos grandes autores do «Absurdo», de Ionesco a Beckett e a Topor, e, até, em virtude de alguns dos mecanismos empregados, ao Woody Allen de *Para Acabar de vez com a Cultura* (Lisboa, Bertrand, 1989).

Contudo, do que, em nosso entender, este *Doutor Avalanche* mais se aproxima é do Henri Michaux de *Um certo Plume* (Lisboa, Hiena, 1992, incluindo uma excelsa «leitura» de René Micha, em jeito de posfácio) e, no que à relação *en passant* com a morte (desumanizante ou re-humanizante, conforme se preferir) diz, concretamente, respeito, do Magnus Mills de *O Curral das Bestas* (Porto, Asa, 1999) e de *Nada de novo no Expresso do Oriente* (Porto, Asa, 2001).

Entre as «cousas de espantar», como diria Bandarra, que podemos encontrar neste livro, destaque para: mortos que renascem; um tinteiro derramado que escreve, *per se*, um texto inigualável; um corpo que procura a cabeça; uma lagartixa que se transforma em homem, que se transforma em vaca, que se transforma em elefante; um homem que se evapora e que, ao cair das nuvens, racha a cabeça, e cujo nariz se torna uma «coisa curiosíssima, meio batata meio pepino»; orelhas de vidro que restituem a visão a um cego; uma crise cardíaca debelada por uma brigada de minas e armadilhas; um baralho de cartas dotado de consciência; peixes que pescam o seu eterno pescador; um cientista que aprisiona Deus num tubo de ensaio; um homem a que os espelhos

retribuem, de cada vez que os olha, uma cara diferente; um outro que, em virtude de uma noite de folia alcoólica, acorda dentro de uma garrafa; uma prótese ortopédica com vida própria (vida essa, aliás, assaz desregrada); línguas e orelhas amovíveis; um homem cujos pés se transformam em peixes; um outro cujo interior da cabeça, devidamente atapetado, é lar de formigas, que lhe fomentam a inteligência; um tempo que regride; um homem com dois corações, enamorados um do outro; poetas mortos que lêem a sina na planta dos pés de outros mortos; um homem que estimula a produção frutícola espancando, sem misericórdia, as pobres árvores.

E tudo isto é apresentado, como atrás dissemos, com um humor que revela uma postura aristocrática perante a vida (e o que possa ser, e o que é, a Literatura), postura essa adversa àquela grosseria já renegada por Fernando Pessoa/Barão de Teive, ao afirmar: «Todos os indivíduos grosseiros têm necessidade da nota sexual; é ela, até, que os distingue. Não podem contar anedotas fora da sexualidade; não sabem ter espírito fora da sexualidade. Vêem em todos os pares uma razão sexual de serem pares» (*A Educação do Estóico*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999).

Por fim, uma merecidíssima referência aos quatro *intermezzi* poéticos, a que aludimos anteriormente e que, não obstante o contexto e os propósitos dele decorrentes, nos parecem, quer pelo seu sentido, quer pela sua disciplina formal, quer, ainda, pela sua coerência, em muito superiores à maioria da produção poética de autores portugueses surgidos em livro na última década.

Essa coerência leva, aliás, a que, embora se espraiem, no livro, por quatro momentos espaçados, os apresentemos aqui como uma unidade, que, sem dúvida, constituem. Vejamos:

Quando os pássaros calçarem tamancos
E pelo ar voarem búfalos,
As rosas e os lírios derem bróculos,
E as rãs tocarem flauta,
O Dia de Finados passar sem lamentos,
Escura for a neve e brancas as trufas,
E os ricos colherem chicória,
Só então te esquecerei.

Quando os mudos narrarem fábulas
E os alemães deixarem de beber,
Os ratos caçarem gatos
E os cães fugirem das lebres,
Quando no céu se armarem mesas,
Amargo for o açúcar e doce a pimenta,
As árvores cobrirem o mar
e a água engolir as montanhas,
Só então cessarão as minhas mágoas.

Quando os grilos praticarem esgrima
E sobre cordas dançarem asnos,
Os caçadores virarem macacos
E das cebolas brotarem videiras,
Quando a lua iluminar o dia,
O gelo envolver o relâmpago
E os dias de Agosto forem mais do que [frios,
Só então secarão as lágrimas nos meus [olhos.

Quando as cabras entoarem canções
E a Páscoa calhar no Carnaval,
Quando os charlatães estudarem Física
E à sobremesa se comerem cinzas,
Quando os cães deixarem de ter testículos
E os campos passarem a ser ruelas,
Só então, rosto cruel,
Este alquebrado coração será feliz.

Uma nota final para a desconcertante onomástica de que Rui Manuel Amaral faz uso ao longo de todo o livro: Fabrice Borel, Lazaros Leumorfis, Dietrich Dahl, Zurbin Raimondi, Skila Krivonóssovitch, Gugur Buxtorfius, Troysler Heusinkveld, Caroline Blasius, Gildrig Glumdalclitch,

Christian Zender, Markus Grob, Vivienne Bugowski, Christoph Robbé, Zavalo Zabehlice e Cláudio Sokhiev, e isto para citar, apenas, quinze das primeiras personagens da obra. Maslav Daslov, esse, tem, inclusivamente, direito a nota de rodapé, uma das muitas, e engraçadíssimas, que pontuam o livro: «Há no conjunto formado por este nome e apelido um efeito pouco eufónico produzido pela repetição do grupo fonético [az] e pela semelhança entre os grupos fonéticos [lav] e [lov], que o torna um tanto ou quanto desagradável. Infelizmente, não há nada que se possa fazer» (p. 71).

Miguel Martins

Claudia Clemente
A FÁBRICA DA NOITE
Lisboa, Ulisseia / 2010

Depois de um período de ausência, Claudia Clemente regressa à escrita com a publicação de *A Fábrica da Noite*, um livro que vem amplamente confirmar as promessas deixadas pela sua obra de estreia, *O Caderno Negro* (2003). Numa linguagem depurada e sintética, Claudia Clemente surpreende mais uma vez o leitor ao apresentar contos de uma desconcertante estranheza, que nos conduzem por géneros tão diversos quanto o fantástico, o erótico, o policial, em textos que falam de solidão, de amor, do sentido de obediência, de sentimentos de culpa, ou deixam adivinhar crimes, suicídios, paixões.

Sem qualquer indicação genérica que possa orientar a leitura, *A Fábrica da Noite* abre-se para nos oferecer um conjunto de vinte e dois contos com ritmos, registos e extensões diferentes, mas onde é possível encontrar uma temática, senão comum, pelo menos dominante. Com efeito, os contos encenam um incessante questionamento do quotidiano, a partir de diversos ângulos e segundo várias perspectivas. O universo criado por estas narrativas apresenta-se como «um híbrido estranho», na expressão do narrador de um dos contos, onde realidade e sonho, concreto e sobrenatural, ficção e verdade se imbricam, dando corpo àquilo que antes designei por «uma desconcertante estranheza». O quotidiano da existência humana é aqui tratado de modo diferente, sendo destituído das componentes que convencionalmente lhe são reconhecidas (as rotinas, as obrigações, as certezas), assumindo-se o retrato social apresentado por Claudia Clemente como a destruição desse mesmo quotidiano, que é perturbado e irremediavelmente corrompido pelo inesperado e o inquietante.

O primeiro conto da colectânea introduz-nos desde logo nessa temática. É a história de Célia, nome da protagonista feminina e que dá igualmente nome ao conto, uma jovem mãe e esposa, que vive dividida entre o dia preenchido por rotinas domésticas e profissionais e as noites de sonho e de prazer na companhia de Lucien, o seu exótico amante, com quem deambula por uma outra cidade. A vida de Célia organiza-se entre uma realidade de que pretende afastar-se e uma fantasia que incessantemente procura por nela encontrar uma ansiada liberdade. As suas noites e os seus sonhos são preenchidos pela exploração de territórios e sentimentos que se tornam cada vez mais familiares e necessários, ao invés dos dias que se arrastam sem qualquer alegria ou interesse. E é esta existência dupla, dividida entre dia e noite, realidade e fantasia, que passa a constituir o quotidiano de Célia, «os dias sempre iguais, as noites sempre diferentes». Célia vive espartilhada entre universos que julgamos paralelos até ao momento em que a circunstância de um encontro entre Lucien, o sonhado amante, e Júlio, o